

A MAQUETE COMO PRÉ-TEXTO PARA A RENOVAÇÃO DA GEOGRAFIA DA PARAÍBA: A EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA NA DIMENSÃO INTERSUBJETIVA DO ENREDAMENTO DE PESSOAS

1. Autor: João Clímaco Ximenes Neto
2. Coautor: José Adeildo de Lima Filho

RESUMO

Temos acompanhado durante as últimas décadas, o exaurir da Geografia da Paraíba enquanto temática presente na Educação Básica. Na atualidade, as aulas de Geografia da Paraíba, encontram-se resumidas a esfera das escolas públicas. Após a instituição do ENEM, Exame Nacional de Ensino Médio como referência de entrada em Universidades e Faculdades no País, o ensino destes conteúdos que evidenciam o local, perdeu a justificativa institucional, por não está mais diretamente presente em suas provas. Educandos e professores no que tange a preparação para o ENEM, possuem na dimensão da Educação Geográfica elementos mais que suficientes para a manutenção da Geografia da Paraíba, enquanto reflexão necessária à formação geográfica que se busca implementar, especialmente, na Educação Básica. Neste sentido, defendemos o uso da Escala Geográfica nas discussões de temáticas, partindo do local, passando pelo regional e nacional, até o global. Para tanto, o Projeto de Extensão “Uma viagem interdisciplinar pelos caminhos da Paraíba” desenvolvido no Campus do IFPB Campina Grande propõem uma experiência de ação-reflexão visando através da construção de uma maquete do Estado e da realização de Oficinas Pedagógicas para alunos(as) do Campus e da Rede Pública Estadual, enredar sujeitos em torno da Geografia da Paraíba. Tal ação pedagógica conta ainda, com uma abordagem interdisciplinar, conciliando conhecimentos em três áreas: Geografia, História e Biologia, possibilitando aos envolvidos construir o conhecimento de maneira articulada e gradativa, no qual, a Geografia da Paraíba, através da exploração do espaço e de suas paisagens se apresenta como o alicerce para o desenvolvimento do projeto.

Palavras-chave: Geografia da Paraíba, Educação Geográfica, Enredar, Maquete Interdisciplinaridade.

1. Professor Me, Instituto Federal da Paraíba - CG, ximenesgeografia@gmail.com
2. Professor Me, Instituto Federal da Paraíba - CG, jose.adeildo@ifpb.edu.br

(83) 3322.3222

contato@congresso-conimas.com.br
www.congresso-conimas.com.br

INTRODUÇÃO

Até que ponto a escola e os professores “inconscientemente” alienam o aluno do seu próprio espaço, de sua realidade vivida? Não estarão, dessa maneira, criando condições de negar a sua realidade, criando condições para o não-questionamento das raízes de uma organização espacial discriminatória, desumana ou mesmo subumana? (Paganelli, 2007, p. 45).

O conhecimento que se constrói numa dimensão da Educação Geográfica tecida, por sua vez, a partir dos saberes constituídos pela nossa experimentação do espaço geográfico, é capaz de redimensionar o lugar da Geografia da Paraíba. Essa construção é possível quando criamos condições para que os(as) alunos(as) possam expor suas abstrações sobre a realidade e, também, a sua reflexão sobre o seu *locus* de vivência, onde as experiências se desenvolvem.

Observamos nessas últimas duas décadas, através da vivência em sala de aula e da vivência de outros colegas geógrafos o definimento da Geografia da Paraíba enquanto temática presente na Educação Básica. Pode-se dizer que, na atualidade, encontra-se basicamente resumida a esfera das escolas públicas do Estado e municípios. Nesta direção, observamos também que até o surgimento do Exame Nacional do Ensino Médio, o ENEM, em 1998, tais conteúdos eram norteadas pelo direcionamento e limitações institucionais, pautados em editais de vestibulares como os da UEPB, UFCG e UFPB, ou de concursos, como os das Polícias Militar e Civil do Estado, bem como, em concursos para o Magistério Estadual e Municipal.

Com base nessas premissas os conteúdos de geografia ligados à escala geográfica local, assim como na Estadual, a saber, Geografia da Paraíba, perderam importância junto à escola e por consequência, a sociedade.

Entendemos que alunos(as) e professores(as), no que tange a preparação para o ENEM, possuem na dimensão da Educação Geográfica elementos mais que suficientes para a manutenção da Geografia da Paraíba, enquanto reflexão necessária à formação geográfica que se busca implementar, especialmente, na Educação Básica.

É diante desta situação, que pretendemos, através da Projeto de Extensão: Uma viagem interdisciplinar pelos caminhos da Paraíba realizado no Instituto Federal da Paraíba,

Campus Campina Grande, por alunos bolsistas e voluntários do Curso Integrado de Química, contribuir na reação a este quadro, buscando reverter essa ótica segregadora, buscando atender a uma demanda de nossa vida para além da dimensão institucional.

Neste sentido, acreditamos que o ensino de Geografia da Paraíba, enquanto conjunto temático curricular específico, muito tem a se enriquecer no enredar de suas energias com as ações pautadas na Educação Geográfica, na nossa práxis social. Assim, considerada a prática geográfica, enredada nos fios do institucional com a vida urbana, expressa como parte essencial da formação integral, não apenas conteudista, mas, sobremaneira, cidadã.

Neste sentido, observamos na maquete, a conjunção de olhares na direção para a construção de uma representação específica, porquanto múltipla, do espaço geográfico da Paraíba. Na ação-reflexão de construção da maquete do Estado da Paraíba enxergamos uma dupla oportunidade para o enriquecimento/fortalecimento da Geografia da Paraíba. A primeira, do ponto de vista material, a maquete enquanto objeto da pesquisa geográfica, sua especial utilização enquanto recurso didático, visando suprir aquilo que Piaget define através da Teoria da Psicogenética de Os quatro estágios do desenvolvimento congênito da criança. Se esta teoria fundamenta a proposta das Maquetes como parte de nossa Educação Geográfica, por seu turno, do ponto de uma teoria social, Vigostky defende através da Teoria da Zona de Desenvolvimento Proximal que a criança se desenvolve através da interação social com outras crianças e adultos, docentes que atuam como mediadores do conhecimento.

Nesta segunda perspectiva, imaterial, do ponto de vista relacional, buscamos através da construção da maquete contribuir para o enredamento de pessoas, visões de mundo, olhares entorno do Estado da Paraíba, isto através da articulação de conhecimentos, saberes e experiências vivenciadas.

No que tange a escola, o Instituto Federal da Paraíba de Campina Grande, enquanto espaço institucional, ocupando a Região Geográfica Intermediária de Campina Grande, possuindo um papel importante nessa articulação que aproxima os olhares dos(as) alunos(as) residentes na cidade e no campo em seu espaço educativo. Esta característica agregadora entre de lugares, cidades e até estados distintos é de grande importância para a nossa pesquisa por trazer consigo uma simbiose ressignificadora do espaço geográfico.

A vivência do espaço geográfico da cidade, do urbano identificados através dos olhares, das percepções e das vivências dos(as) alunos(as), é de grande importância por poder se contrapor, ou seja, se expressar de modo dissonante da visão hegemônica e institucionalizada do ensino de Geografia.

Este contraste, em especial na perspectiva da Educação Geográfica, por acreditar que a cidade e sua urbanidade, recheada de vivências e práticas sociais, ao “transbordar” para dentro do institucional, para dentro dos Campus do IFPB, tem muito a contribuir para dar novas visibilidades à Geografia da Paraíba. Buscamos aqui então o enredamento destas dimensões da construção do humano, da sua vida em sociedade.

A experiência da construção da maquete do Estado da Paraíba, portanto, possui uma dupla possibilidade: a primeira, ligada a construção de um produto, a maquete, a serviço não apenas do ensino da Geografia, mas também, da Educação Geográfica, enquanto enredamento de pessoas, olhares, entorno da Geografia da Paraíba. E a segunda, que reside na experiência coletiva de pesquisa, desenvolvida em rede, ligadas ao projeto. Esta possibilidade, porquanto revelada no ato representacional/olhar criativo, têm como fundamento as suas próprias vidas, suas memórias e identidades e é capaz de oportunizar a coletividade na pesquisa.

Buscamos “enredar”, articulando redes de pessoas entorno da Geografia da Paraíba de modo a aproximar a Geografia produzida nos espaços institucionais articulando esforços com os demais espaços educacionais do Estado e Município em Campina Grande.

Sendo assim, entendemos que o projeto não deve ficar limitado aos alunos do IFPB, o enredamento que propomos, interligando a maquete e os sujeitos numa mesma ação, deve estar a disposição da sociedade, num movimento inclusivo e integracionista. É nesse contexto, que a rede proposta, visa se estender para as Escolas Estaduais e Municipais, através de visitas e conseqüentemente de Oficinas Pedagógicas acerca da Geografia da Paraíba, ministradas por professores e alunos.

As práticas antecedentes que nos levaram a propor o presente projeto são múltiplas. A primeira é a parceria, imprescindível, que nasceu a partir das visitas ao LOGEPA, Laboratório e Oficina de Geografia da Paraíba, no Departamento de Geociências da Universidade Federal da Paraíba – Campus I, João Pessoa, que inauguram os esforços na direção de uma pesquisa-ação voltada para o uso educativo das Maquetes Geográficas, em especial, com o olhar voltado para a Geografia da Paraíba.

Através de uma aproximação junto ao LOGEPA, buscamos aperfeiçoar e adequar nosso melhor entendimento acerca da produção – materiais, etapas, a escala cartográfica e o uso da maquete, no qual procuramos ouvir as experiências e vivências daqueles envolvidos diretamente com o seu processo criativo e construtivo.

Neste sentido, o LOGEPA surge como uma primeira célula, referencial, que se encontra na Região Geográfica Intermediária de João Pessoa e o projeto de extensão que está

sendo realizado no Campus do IFPB de Campina Grande, na Região Geográfica Intermediária de Campina Grande, apresenta-se como Projeto Piloto, fruto de uma ação pedagógica que se iniciou em meados dos anos 1990 na UFPB.

Podemos afirmar, que a relação entre o Campus do IFPB em Campina Grande e o LOGEPA está presente no processo de formação da rede, trazendo uma articulação entre a dimensão do institucional e o cotidiano dos educandos, bem como de suas experiências de vida para além desses estabelecimentos de ensino. Esta experiência calcada da articulação, no enredamento, busca ampliar na direção do fortalecimento da Geografia da Paraíba e na sua consolidação enquanto temática presente na formação dos(as) alunos(as) da Educação Básica.

Estas vivências nos permitiram construir o seguinte questionamento: como a construção de maquetes no âmbito da Educação Geográfica, enredada olhares, visões de mundo, dos educandos dos IFPB Campus Campina Grande pode fortalecer a ação-reflexão que anima e, dá vida, a Geografia da Paraíba?

O nosso objetivo então visa encontrar respostas a essa indagação, transformando-as em informação que sirva de inspiração para outros espaços educativos no Estado, e quem sabe, até fora dele.

O projeto em sua excênica, tem na interdisciplinaridade, aqui proposta por uma abordagem que concilia informações e conhecimentos em três áreas: Geografia, História e Biologia, um ponto forte para o seu fazer pedagógico e metodológico. Sendo assim, acreditamos se tratar de um avanço, já que os envolvidos irão ter a possibilidade de construir o conhecimento de maneira articulada e gradativa. Nesta direção, concordamos com Japiassu (1976) ao afirmar que a interdisciplinaridade caracteriza-se pela intensidade das trocas entre os especialistas e pelo grau de interação real das disciplinas no interior de um mesmo projeto de pesquisa.

É neste cenário, que ressaltamos a importância da ciência geográfica na construção da maquete, bem como nas Oficinas Pedagógicas, servindo de alicerce para as demais disciplinas, através da exposição do espaço geográfico paraibano e de suas paisagens, analisando as dinâmicas socioeconômicas e socioespaciais presentes em nosso território.

O projeto de extensão continua em andamento, e o mesmo foi aprovado para ser desenvolvido no período de Junho a Dezembro de 2019, e atualmente, estamos adentrando em sua segunda etapa, ligada as Oficinas Pedagógicas. A primeira etapa foi concluída em meados do mês de Outubro do corrente ano, e contou com a produção da maquete realizada pelos alunos bolsistas e voluntários do Campus do IFPB de Campina Grande, bem como, com a

orientação do professor de Geografia e com o auxílio dos demais professores – História e Biologia – e dos técnicos administrativos.

Estamos nos preparando para receber as visitas dos(as) alunos(as) dos demais cursos técnicos do Campus, bem como da Rede Pública Estadual para concluirmos o projeto com as Oficinas Pedagógicas. A apresentação das Oficinas Pedagógicas consiste na segunda etapa do projeto e ocorrerá no mês de Novembro de 2019, no Laboratório de Humanidades do Campus do IFPB Campina Grande.

METODOLOGIA

O projeto de extensão: Uma viagem interdisciplinar pelos caminhos da Paraíba, desenvolvido no Campus do Instituto Federal de Campina Grande-PB, com a participação de professores – Geógrafo, Historiador e Biólogo -, de alunos(as) do Segundo ano do Curso Integrado de Química do IFPB, sendo um bolsista e dois voluntários e Técnicos Administrativos. O projeto contou com a produção de uma maquete medindo 2.85 x 1.62 metros, o mesmo foi concebido utilizando uma escala cartográfica de 1:100.000.

A maquete foi confeccionada em placas de isopor de 25 e 15cm, sobrepostas, posteriormente cortadas e coladas e no formato do mapa do estado da Paraíba. Na continuidade, foram feitos diversos testes com materiais como cola, gesso, pó de serra, massa corrida, buscando conferir a maquete uma maior durabilidade e aparência com a textura do relevo que ali foi estruturado. Por fim, a maquete foi pintada nas cores marron – predominante em toda área continental - areia e azul – na parte litorânea - , buscando representar as praias e o Oceano Atlântico. O projeto é fruto do Edital de Extensão 001/2019 PROEBEX, que encontra-se em execução desde o mês de Junho de 2019, se estendendo até o mês de Dezembro do mesmo ano.

A partir da eleição do projeto, como um dos que seriam desenvolvidos no Campus do IFPB de Campina Grande no ano de 2019, buscamos então formar a equipe que faria parte do mesmo. Neste sentido, iniciamos as conversações com os professores de História e Biologia, na intenção de ver a possibilidade de nos acompanhar nesta jornada. Após os encontros e discussões, onde tratamos sobre disponibilidade e afinidade com a ação pedagógica e a temática, os Professores: Me. José Adeildo de Lima Filho, Biólogo e Glayds Richeles Araújo Veiga, mestrando em História.

Posteriormente nos reunimos com alguns colegas do corpo técnico-administrativo que tínhamos um maior contato e que já acompanhavam de perto os nossos trabalhos e projetos e procedemos da mesma maneira que fizemos com os professores. Ao final, o Assistente de Alunos Adilson Silva de Farias aceitou o convite.

Em relação aos educandos, partimos do pressuposto da inclusão, buscando naqueles que nunca haviam participado de nenhum tipo de projeto no Campus, seja de Extensão ou Pesquisa. Também resolvemos trabalhar com os educandos do Segundo Ano do Curso Técnico Integrado de Química por dois motivos, a saber: afinidade com a disciplina de Geografia e conseqüentemente com as demais disciplinas, História e Biologia, e a possibilidade de trabalharmos com sujeitos que em sua formação técnica estão se preparando profissionalmente dentro de uma outra área.

Com a equipe definida, começamos os nossos encontros para apresentarmos a proposta do projeto de extensão, bem como discutir e articular os objetivos, metodologia e público alvo. Posteriormente, o professor de Geografia, organizou uma oficina dividida em dois encontros com os educandos para discutir acerca do processo de construção da maquete. Este primeiro momento foi realizado de maneira coletiva, através de discussões nas quais os olhares e experiências foram postos, deixando as discussões livres, sem maiores interferências.

Vale salientar que entre os encontros, ocorreu uma visita ao Laboratório e Oficina de Geografia da Paraíba (LOGEPA) da Universidade Federal da Paraíba Campus I, João Pessoa, para conhecermos a única maquete do estado da Paraíba, de grandes dimensões e com detalhes físicos e naturais extremamente próximos a realidade.

Esta visita se apresentou como um dos principais momentos para os envolvidos, já que, ao termos contato com a maquete do laboratório e seu uso, tínhamos ali uma experimentação de algo que posteriormente iríamos produzir, de acordo com nossas possibilidades e objetivos. Iniciava-se neste momento, o primeiro enredamento que propusemos em nosso projeto, que posteriormente continuaríamos com os educandos do Campus do IFPB e conseqüentemente, com os(as) alunos(as) das escolas da rede estadual de Campina Grande-PB.

Posteriormente a oficina, os próximos passos foram divididos em cinco etapas: pesquisa bibliográfica orientada pelos professores acerca das temáticas que seriam ministradas nas oficinas e planejamento sobre como as mesmas seriam ministradas; busca por materiais e testes envolvendo resistência, durabilidade e facilidade de manuseio; pesquisa de preços dos materiais da maquete; construção da maquete; uso da maquete nas Oficinas

Pedagógicas. A primeira etapa do projeto de extensão encontra-se concluída, observando que os resultados obtidos expressaram o que Larrossa (2013) considera ser uma experiência entendida como uma expedição em que pode se escutar o “inaudito”.

DESENVOLVIMENTO

O sentido de rede que aqui buscamos constituir pela via do enredamento está expresso em Alves (2004), quando expressa o conceito de mosaico para dar visibilidade à compreensão acerca de um vitral:

[...] A alma é um vitral, é um mosaico. Cacos de vidro, cacos de cerâmica, cada um deles nada mais que um caco que não diz nada, não serve pra nada, sem sentido, sem beleza, entulho, lixo. Mas o artista olha para o caco e não vê o caco. Vê outra coisa. Vê a totalidade bela à qual ele pertence. (ALVES, 2004, p. 32)

Nossos esforços vão na direção de articular ambientes educativos, a escola, os IFPB Campus Campina Grande e a cidade, enquanto espaço de vivência dos educandos, de forma articulada para possibilitar novas formas de visibilidade da Geografia da Paraíba. O desafio para tal articulação se desenrola de modo articulado na trincheira da linguagem geográfica:

[...] Como primeira trincheira da linguagem, régua e compasso da Paraíba, acuso a existência de régua e compasso na geografia afinados com a produção do conhecimento e a pesquisa sobre o ensino de geografia. A segunda trincheira da linguagem é a geografia e as possibilidades da abordagem da cidade e do urbano no ensino. [...] (CARDOSO, 2011, p. 61).

Nossa busca pelo enredamento de pessoas entorno da construção da maquete do Estado da Paraíba, de forma articulada, em rede, se alinha com uma proposta construtivista: “[...] Numa palavra, o desenvolvimento cognitivo não está determinado previamente nem no meio nem no sujeito. Ele se define na experiência. [...]”. (BECKER, 2001, p. 92). O significado da experiência que estamos desenvolvendo, seja do ponto de vista material, a maquete, enquanto recurso didático, seja do ponto de vista relacional, do enredamento de pessoas, olhares, vivências, se coaduna com o pensamento de Bondía (2002, p. 28) quando nos distingue a experiência do conceito de experimento: “[...] Se o experimento é genérico, a experiência é singular. Se a lógica do experimento produz acordo, consenso ou

homogeneidade entre os sujeitos, a lógica da experiência produz heterogeneidade, pluralidade. [...]”.

Neste sentido:

As maquetes são desenhos em escalas reduzidas ou ampliadas de um espaço, fundamentadas em dados e variáveis reais. A principal característica dessa é a função de representação da realidade. [...] A maneira como o espaço geográfico é ensinado e entendido pelos alunos é de extrema importância. Quando o espaço é representado de forma tridimensional, estimula o aluno a realizar uma análise em 3D dos fenômenos espaciais para que possam compreender melhor os aspectos daquele ambiente. Além da representação do espaço geográfico, a maquete também proporciona a percepção do abstrato no concreto. A realização de uma aula com recursos didáticos diferentes dos tradicionais proporciona aos alunos um maior interesse no conteúdo, além de despertar a curiosidade e melhor apreensão dos conteúdos. (FERNANDES *et al*, 2018, p. 100; 108)

A maquete pode ser entendida como resultado da composição assimétrica entre olhares. Essa articulação entre olhares na sua produção, encontra amparo nas reflexões propostas por Bezerra (2017) na Dissertação intitulada: *A arte de caminhar na cidade: educando o olhar geográfico em andanças no centro da cidade de Campina Grande-PB*. A possibilidade de articulação, enredamento destes olhares aprendizes para a Paraíba se coaduna, por sua vez, com a proposta de Proença (2018) de Redes Formativas, ou o que o autor chama de Cultura do Grupo. A rede assim compreendida:

É essa referência coletiva que possibilita aos sujeitos do grupo transcender saberes-fazerem iniciais [...] vão além em suas indagações, constroem novos significados...Por sua vez, ao compartilhar práticas ressignificadas, ampliam o olhar do grupo como um todo....uma ciranda interativa que fortalece a Educação Infantil na voz de seus sujeitos [...] (PROENÇA, 2018, p.115)

Entendemos que, ao proporcionar ao educando a possibilidade de uma construção do conhecimento, através de suas vivências em seu *locus* de experiências, fortalecemos a própria identidade da Geografia da Paraíba enquanto horizonte de uma Educação Geográfica cidadã.

Pensar acerca dos desafios presentes na adoção de práticas pedagógicas diferenciadas, na construção do conhecimento coletivo partindo das experiências individuais, é dar luz ao que “faz sentido”, ao que está em consonância com a realidade do educando.

Neste contexto, a vivência significativa, transformada em experiência, é algo que deixou marcas, que se agregou à memória da matriz do sujeito, sem esquecimento, que segundo Larrosa:

A experiência entendida como uma expedição em que pode escutar o “inaudito” e em que pode se ler o não-lido, isso é, um convite para romper com os sistemas de educação que dão ao mundo já interpretado, já configurado de uma determinada maneira, já lido e, portanto, ilegível. (LARROSA, 2013, p. 11).

Pactuamos com Harvey, ao traçar o lugar como um *locus* de resistência e mobilização, acreditamos que é neste *locus* que se desenvolvem as experiências e vivências do “não-lido” que necessitam ser expressas e ouvidas. Tal realidade, pode ser compreendida como uma das principais bases que dão sustentação a uma revolução contra as injustiças sociais geradas pelo sistema neoliberal. “É a celebração da diferença e da diversidade subordinadas a um arco de unidade” (2002, HARVEY apud FERREIRA p. 24).

Neste sentido, é importante ressaltar, que o projeto de extensão, ao propor uma ressignificação dos estudos acerca do espaço paraibano, coloca a Educação Geográfica em evidência, partindo de uma perspectiva na qual o educando deixa sua passividade peculiar e coadjuvante e abraça a ação-pedagógica que o proporciona a dividir suas vivências e experiências na construção do saber. Ao expressar-se no livro *Pedagogia do oprimido* (2005), Freire reitera que a escola tem uma função conservadora, refletora e reprodutora das desigualdades e injustiças sociais. Porém, o mesmo nos traz uma esperança, que coaduna com as práticas vivenciadas no nosso projeto, a de que a escola pode ser também um instrumento de resgate da cidadania.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O presente Projeto de Extensão, encontra-se com a primeira etapa concluída. Nela podemos observar os resultados obtidos em todo o processo que envolveu a construção da maquete do Estado da Paraíba. Com vivenciar de uma prática educativa inclusiva, paltada na Educação Geográfica foi possível desenvolver um processo simbiótico na construção do conhecimento e conseqüentemente do produto, a maquete.

Figura – 01: Visita ao LOGEPA.



Fonte: Arquivo pessoal.

Figura – 02: Construção da maquete



Fonte: Arquivo pessoal.

No que tange a dimensão intersubjetiva, temos o início da formação da rede de pessoas em torno dessa construção, atendendo uma demanda, a saber, do ensino de Geografia da Paraíba, para além do institucional.

Neste sentido, podemos observar nas imagens abaixo, de maneira embrionária, os primeiros passos do enredamento proposto inicialmente pelo projeto.

Figura – 03: Visita do Grupo de estudos ESCOLARCIDADE da UFPB



Fonte: Arquivo pessoal.

Figura – 04: Visita dos alunos da Escola Estadual Arthur Virgínio de Moura, Matinhas-PB



Fonte: Arquivo pessoal.

Acreditamos que através da Educação Geográfica o ensino de Geografia da Paraíba tem a possibilidade de ser fortalecido, a partir de uma fomentação coletiva e inclusiva. A ressignificação de quem somos e do nosso *locus* onde desenvolvemos as nossas vivências e

experiências, teve na primeira etapa do Projeto de Extensão: Uma viagem interdisciplinar pelos caminhos da Paraíba, um contexto crítico e capaz de interferir nos vários processos sociais, econômicos, culturais e políticos, de maneira cidadã e comprometido.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A segunda etapa do projeto, também é considerada de grande importância, as Oficinas Pedagógicas, que irão se iniciar na terceira semana de Novembro de 2019. Nela iremos expandir ao máximo as nossas experiências participativas e inclusivas, bem como discutir as temáticas interdisciplinares – pautadas na espacialização geográfica do território paraibano – presentes na proposta, a saber: geografia, história e biologia da Paraíba. Enquanto resultados, estamos convictos que deixaremos uma colaboração para as práticas pedagógicas que exijam uma ação-reflexiva acerca do papel do educando na construção do conhecimento.

REFERÊNCIAS

ALVES, Rubem. Os mosaicos. In: _____ **Aprendiz de mim: um bairro que virou escola.** Campinas-SP: Papirus, 2004. p. 31-33

ALMEIDA, Rosângela Doin de; PASSINI, Elza, Yasuko. O espaço geográfico: ensino e representação. ed. 15. São Paulo: Contexto, 2010. 90. p.

BECKER, Fernando. Educação e construção do conhecimento. Porto Alegre-RGS: Artmed, 2001.

BEZERRA, Daniel Almeida. (Dissertação). **A arte de caminhar na cidade: educando o olhar geográfico em andanças no centro de Campina Grande-PB.** Programa de Pós Graduação em Geografia. Universidade Federal da Paraíba, 2017. 324 p.

BONDÍA, Jorje Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Tradução de Wanderley Geraldi. Jan-fev, 2002, N. 19. p. 20-28.

CARDOSO, Carlos Augusto de Amorim. A cidade, a educação e o ensino. In: CAVALCANTI, Lana de Souza; BUENO, Miriam Aparecida; SOUZA, Vanilton Camilo de (Orgs.). **A produção do conhecimento e a pesquisa sobre o ensino da geografia.** Goiânia-GO: Editora da PUC Goiás, 2011.

FERNANDES, Taynah Garcia, *et al.* A construção de maquetes como recurso didático no ensino de geografia. **Revista Equador** (UFPI), Vol. 7, Nº 2, p.96 – 109, 2018.

FERREIRA, Luiz Felipe. Iluminando o Lugar: três abordagens (Relph, Buttimer e Harvey) in: **Boletim Goiano de Geografia.** Goiânia, jan/julho de 2002. v. 22, n.01. p. 43-72.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

JAPIASSU, H. **Interdisciplinaridade e patologia do saber**. São Paulo: Imago, 1976.

LARROSA, Jorge. **Pedagogia profana: danças, piruetas e mascaradas**. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

PAGANELLI, T. I. Para a construção do espaço geográfico na criança. In: ALMEIDA, R. D. **Cartografia escolar**. São Paulo: Contexto, 2007. p. 43-70.

PROENÇA, Maria Alice. **Prática docente: a abordagem de Reggio Emília e o trabalho com projetos, portfólios e redes formativas**. São Paulo: Panda Educação, 2018, p. 115.